



A imprensa e discurso sobre mulheres na imprensa rondonopolitana nos anos finais do século XX, (década de 1980)

Ana Gonçalves Sousa¹
Adriana Aparecida Pinto²

Esta comunicação tem por objetivo discutir as representações sobre mulheres veiculadas no jornal “A Tribuna” de Rondonópolis-MT, na década de 1980, buscando compreender os modos pelos quais os valores e comportamentos assumidos pelas as mulheres são sinalizados e indicam a construção do discurso da imprensa local sobre o(s) feminino(s) e suas formas de apresentação. Com o avanço das conquistas das mulheres, entre elas o direito ao voto, o trabalho remunerado fora de casa, à presença no espaço público sem a companhia do pai, marido ou irmão, o acesso à escolarização, a maior liberdade sexual, entre outras conquistas, as mulheres foram se tornando objeto da imprensa no Brasil. Segundo LUCA (2005), o uso das fontes impressas como jornais, revistas ou outros periódicos pelo historiador foi lentamente sendo adotado ao logo da história contemporânea. A autora relata que na década de 1970 havia poucos trabalhos com esta documentação no campo da história, mesmo tendo uma bibliografia de suporte e edições significativas, os historiadores relutaram em utilizar tais fontes devido a diversos fatores, LUCA (2005). O presente trabalho busca compreender por meio dos jornais na pesquisa histórica, como as mulheres eram representadas no jornal “A Tribuna” analisado o discurso da imprensa local sobre o papel e lugar social atribuído as mulheres na década de 1980 buscando perceber as formas de resistência e manutenção da ordem e de uma sociedade machista, que ainda concebia o lugar da mulher na esfera do privado e aos homens na esfera pública e demais espaços da sociedade. O jornal A Tribuna inicia sua circulação, na cidade de Rondonópolis em 07 de junho de 1970 e circula até os dias atuais, no formato impresso e desde 2005 no formato impresso e digital, veiculando em suas páginas textos que apresentam a cidade de Rondonópolis com forte tom de destaque para sua economia que se desenvolveu em torno do agronegócio desde os anos de 1970 recebeu forte fluxo migratório de várias regiões do país com destaque para as regiões nordeste e sul.

Palavras-Chave: Imprensa periódica; Rondonópolis; Mulheres imprensa.

INTRODUÇÃO

O presente artigo insere-se na vereda de estudos que se pautam na perspectiva da história das mulheres (PERROT, 1988, 2005; LUCA, 2005, 2012; RAGO, 1995, 2013;

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal da Grande Dourados, sob orientação da prof. Dra. Adriana Aparecida Pinto. Bolsista Capes 2016-2018. E-mail: Anninhasousa@hotmail.com.

² Professora Adjunto III do Curso de História (Ensino de História e Estágio Supervisionado) e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados. Coordenadora do Projeto: Lugares de história, registros de memória: revitalização do Laboratório de Ensino e Pesquisa em História (LABhis) da Universidade Federal da Grande Dourados, que conta com apoio financeiro da Fundect, via Edital PPP 14/2015. Membro da equipe do Laboratório de Ensino de História - LABhis. Coordenadora de Área – História - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Email: adrianaaparecida@ufgd.edu.br

PEDRO, 2006; TRUBILIANO, 2007) e efetivados no diálogo com a imprensa periódica de circulação geral, entendidos aqui a partir da tipologia documental *Jornal A Tribuna*, buscando compreender as formas pelas quais as mulheres e os contextos que as envolvem são representados em suas páginas. Para esta comunicação, o exame das fontes cingiu-se aos números em circulação na década de 1980, a partir da edição nº 1002, de 03 de janeiro de 1980, e encerrando em 30 de dezembro de 1990, na edição nº 2538.

A seleção do corpus documental está pautada como possibilidade de estudos originais na região, visto que há poucos investimentos dessa natureza, corroborando para uma escrita sobre uma da história das mulheres, partir da ampliação das abordagens, especialmente para pensar suas representações. TRUBILIANO (2007) PINSKY (2012) são alguns dos estudos que usam jornais como fonte documental para efetivar essas abordagens, especialmente no século XX. A historiadora Tânia Regina de Luca (2012) enfatiza os diferentes momentos nos quais o assunto *mulheres* aparece na imprensa, acompanhando as conquistas e a igualdade formal de direitos políticos. Também questiona acerca de um notável desequilíbrio entre a presença de figuras públicas masculinas e femininas nos noticiários, assim como presença de certos estereótipos em torno de mulheres que adentraram na arena do poder.

As mulheres criaram novas formas de estar no mundo, reivindicando direitos, especialmente sobre o próprio corpo, denunciando os problemas tidos como domésticos, lutando pela casa própria e por espaços e direitos iguais no mercado de trabalho, entre outras lutas (PEDRO, 2006). Michelle Perrot (1988, p.186), destaca “[...] o silêncio sobre a história das mulheres também advém do seu efetivo mutismo nas esferas políticas, por muito tempo privilegiadas como locais exclusivos de poder”.

De acordo com TRUBILIANO (2007) “a história das mulheres emergiu e ganhou peso a partir da década de 1970”. As mulheres tiveram que enfrentar muitas lutas para conseguirem conquistar o seu espaço na sociedade e não foram batalhas simples, foram grandes embates que geraram muitas discussões e tiveram que suportar longos anos de espera, mas, “felizmente”, conseguiram diversas conquistas, entretanto, conforme sinaliza “algumas vozes ainda se levantavam contra a participação da mulher

na vida pública, afirmando ser este tipo de atividade contrária à natureza, que teria destinado para ser exclusivamente mãe e esposa” (TRUBILIANO, 2007, p.13).

Um dos fatos mais emblemáticos da década de 1970 foi à criação, em 1975 (ano internacional da mulher), do Movimento Feminino pela Anistia. No mesmo ano a ONU, e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), realiza uma semana de debates sobre a condição feminina. Ainda nos anos 70 é aprovada a lei do divórcio, uma conquista imensa, pois antes o homem e a mulher mesmo estando morando em casas diferentes, estando separados de corpos, continuavam casados legalmente.

Nos anos 1980, as feministas embarcam na luta contra a violência às mulheres e pelo princípio de que os gêneros são diferentes, mas não desiguais. Em 1985 é criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), subordinado ao Ministério da Justiça, com objetivo de eliminar a discriminação e aumentar a participação feminina nas atividades políticas, econômicas e culturais.

Na década de 1980, no Brasil, mulheres reivindicaram por direitos, especialmente sobre o próprio corpo, denunciando os problemas tidos como domésticos, lutando pela casa própria e por espaços e direitos iguais no mercado de trabalho, entre outras lutas. Num momento posterior Margareth Rago apresenta os desenvolvimentos dos feminismos, em que situa, na entrada dos anos de 1980, a emergência dos novos movimentos sociais, a organização das mulheres, as novas teorias, enfocando o poder e a política bem como as dimensões subjetivas.

As mulheres marcaram, assim, a nova Constituição, estando muitas de suas reivindicações incorporadas ao texto constitucional. A promulgação da Constituição Federal, em 1988, representou o marco político-jurídico da transição democrática e da institucionalização dos direitos humanos no país. Conforme MORAES:

A constituição de 1988 finalmente igualou os direitos civis das mulheres aos dos homens, tanto na vida pública como na privada. Com respeito à família, a nova constituição determinou que “homens e Mulheres têm os mesmos direitos na sociedade conjugal”. O mesmo artigo 226, parágrafos 3º e 4º, alterou o próprio conceito de família, determinando que, “para efeito de proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento” e “entendi-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes” (MORAIS, 2003, p.504, Grifos no original).

Quando o país atinge seu processo de redemocratização observa-se que o feminismo passou por uma reorganização contrária a uma tendência unificadora. Uma espécie de “feminismo temático” apareceu em instituições que tratavam de demandas específicas da mulher.

Entende-se, pois, que esta representação, fortemente patriarcal, machista e elitista acerca da mulher e das relações de gênero, fora construída, em parte, pela não historicidade das experiências de construção de mulheres que atuaram e interferiram com suas demandas em diversos setores da sociedade, nos anos de 1980 e pelo discurso o histórico asseverado pela imprensa regional.

A mídia, impressa ou digital, escrita ou falada, enquanto empresas visam o lucro. Por outro lado, “negociam um produto muito especial, capaz de formar opiniões, (des)estimular comportamentos, atitudes e ações políticas. Elas não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público” (LUCA, MARTINS, 2006, p. 11).

Deste modo, o historiador ao analisar os jornais impressos busca “relacionar texto e contexto: buscar os nexos entre as ideias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos” (CARDOSO, 1997, p. 378). O texto é sempre portador de um discurso e construtor de representações sociais e culturais.

O jornal é um veículo de comunicação da imprensa e, em 1988, a historiadora Maria Helena Capelato assegurou que a imprensa poderia ser considerada um manancial dos mais férteis para se conhecer o passado, visto que “a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos” (1988, p.13).

Em relação aos estudos realizados em Mato Grosso, em especial sobre a cidade de Rondonópolis, cidade na qual o Jornal A Tribuna é produzido e posto em circulação, Laci Alves sinaliza “[...] o espírito aventureiro de migrantes, mulheres e homens que aceitaram o desafio de “crescer junto com a cidade”. (2002, p.7) Embora hajam

divergências sobre essa interpretação (Goettert, 2008; Nascimento, 1997;) estas serão discutidas em outros momentos do trabalho de pesquisa em desenvolvimento³.

De acordo com Luci Lea Tesoro, no seu livro “Entroncamento de Mão única – Lembranças e Experiências dos Pioneiros”, em 1960 Rondonópolis era uma cidade rural. A autora mostra que “segundo dados do IBGE, os anos 60 vão surpreender Roo como município emancipado e com uma população de 22.302 habitantes, sendo que 17.870 na zona rural e 4.432 residindo na cidade” (TESORO, 1993, p. 31).

Neste período Rondonópolis já é considerada polo econômico da região e classificada como segundo município do estado de Mato Grosso (TESORO, 1993) em importância econômica, demográfica e urbana. É a década da migração de nordestinos, paulistas, mineiros e sulistas que veem nestas terras bons negócios.

Finalmente nos anos 70 e 80, tem-se a chegada de um volumoso contingente de sulistas que vem ocupar as terras do cerrado, tidas como improdutivas e, por isso, conseguindo à baixo preço e transformadas em seguida, em extensos latifúndios de arroz e sobretudo de soja (TESORO, 1993, p.59).

Elizabeth Madureira Siqueira destaca que as atividades produtivas de Rondonópolis perfaziam as seguintes frentes, para além da agricultura e pecuária (gado de corte) e avicultura. Na frente industrial conta com fabricas de bebidas, fábrica de manteigas, indústria de carnes (SIQUEIRA, 2002). A cidade de Rondonópolis localiza-se em uma região bastante privilegiada, pois se trata de passagem quase que obrigatória para acessar o Estado de Mato Grosso do Sul e as fronteiras com São Paulo e Paraná, possui uma grande extensão territorial, com solo propício não só para o cultivo, mas também para a construção de casas, conjuntos habitacionais, prédios, estabelecimentos comerciais entre outros e isso acabou atraindo pessoas de diversos lugares.

Com base no contexto histórico apresentado na revisão de literatura, acerca dos estudos sobre mulheres e sua interface com a imprensa, apresentaremos a seguir as representações sobre as mulheres através das notícias/notas do jornal A Tribuna na década de 1980.

³ Por uma (ou várias) História das Mulheres a partir da imprensa: papéis sociais e representações no jornal A Tribuna – Rondonópolis, MT (1970-1990), sob orientação da prof. Dra. Adriana Aparecida Pinto. Bolsista Capes 2016-2018.

1. Representações sobre mulheres no jornal *A Tribuna*, Rondonópolis, MT, década de 1980

O estudo de periódicos permite identificar os modos como representações e formas de entendimento de determinados grupos sociais são postos em circulação, tornando possível mapear noções, costumes e valores que determinados discursos sustentam.

A seleção do jornal *A Tribuna*, primeiro em circulação na cidade de Rondonópolis, inicialmente justifica-se por sua representatividade e importância desse meio de comunicação na localidade onde circula. Entendemos que na pesquisa com o jornal *A Tribuna*⁴ para este trabalho faz-se necessário entender em qual contexto esse periódico está situado na cidade de circulação.

Fundado inicialmente como *O Tribuna do Leste* no dia 7 de junho de 1970, nasceu com esse nome, pois Rondonópolis pertencia geograficamente ao leste do estado de Mato Grosso.

Neste período, o *A Tribuna* além de atuar sempre em defesa de Rondonópolis e da nossa região nas mais diversas causas, serviu também como uma espécie de guardião da nossa história, pois não há um arquivo tão rico de Rondonópolis, de 1970 até os dias de hoje, como o que é mantido pelo jornal.

O *A Tribuna* viu a cidade de Rondonópolis crescer em proporções gigantescas, acompanhou as principais mudanças políticas que a cidade viveu na década de 70 até os dias de hoje e viu a economia da cidade se transformar, passando da pecuária para a agricultura e chegando à fase atual da industrialização (*A TRIBUNA/MT*, Editorial, 07/06/2012, p.1). (Sic)

O antigo nome deixou de ser usado com a divisão de Mato Grosso, a partir de 1978, quando o jornal passou a se valer do nome *A Tribuna*. Trata-se da principal mídia jornalística impressa em circulação desde sua fundação, com arquivo organizado e disponível para pesquisas.

Na década de 1980, o jornal *A Tribuna* circulava de segunda a sexta, não havendo publicações nos finais de semana e nem feriados, e sua circulação dava da seguinte maneira: por vezes as edições vinham a público compiladas (relacionando-se a dois ou três dias de publicação), podendo ser adquirido na própria redação, localizada na

⁴ Vale destacar que o *A TRIBUNA* foi o primeiro jornal com circulação periódica de Rondonópolis, sendo um dos mais antigos de Mato Grosso ainda em atividade. (*A TRIBUNA*, 07/06/2015, P. A8).

Rua Otavio Pitangula, centro, em espaços de comércio (supermercados, lojas) e entregue domiciliarmente aos seus assinantes. O jornal era composto por dezoito (18) páginas, organizadas entre espaços editoriais permanentes e outros que se alternavam entre os dias da semana, outras mensalmente, sendo: Editorial, Acontecendo, Propagandas, Página da Mulher, Notícias, Etc... E, Tal, Coluna do Matraca, Quem & Quem, Aqui, Roo.

O jornal também conta com a publicação de temas avulsos, ou seja, sem vinculação específica a uma sessão temática, como Economia, agricultura e política, além disso, há também a parte policial, esportiva e de entretenimento. Nesta última há coluna social, palavras cruzadas, resumo das novelas, horóscopo, piadas, enfim, um conteúdo direcionado ao entretenimento do leitor, por último o jornal encerra sua publicação com a sessão de classificados.

Na década de 1980 já era considerado como o principal meio de comunicação de Rondonópolis e da região. Foi o único jornal de Mato Grosso que participou do 1º congresso brasileiro de jornais do interior, sendo representada pela diretora Maria Janice Logrado de Souza. O evento ocorreu na cidade de Nova Hamburgo-RS. A edição de 26 de novembro de 1980 traz a nota sobre o congresso:

Regressou ontem a nossa diretora, Maria Janice Logrado de Souza, de Nova Hamburgo – RS, onde realizou-se o 1º Congresso Brasileiro de Jornais do interior, conjuntamente com o 19º congresso anual de jornais de Rio Grande do Sul.

Nossa diretora, por esta representando naquele comelave o único jornal do Mato Grosso que ali compareceu, foi alvo de muitas atenções e gentilezas, e trouxe gratas recordações dos confrades congressistas, além de um farto material didático-jornalístico espelhando os anseios da classe dos editores de jornais do interior. (A Tribuna, Editorial, 26/11/1980, p.1).

Nesse primeiro encontro dos jornais do interior foi eleita a diretoria da “Abrajori⁵” e a diretora do Jornal *A Tribuna* Maria Janice logrado de Souza foi eleita como “Primeira Suplente fiscal”:

Foi eleita a primeira diretoria da Abrajori ficando na presidência Mário Alberto Gusmã, de um jornal Sul Rio Grandense.

Nossa dinâmica diretora Maria Janice Logrado de Souza, continuando com firmeza a luta encelada pelo seu pranteado esposo Aroldo Marmo de Souza, foi eleita para essa primeira diretoria, no cargo de primeira

⁵ Associação brasileira dos jornais do interior (A Tribuna, Capa, 26/11/1980).

suplente do conselho fiscal. (A Tribuna, Editorial, 26/11/1980, p.1).
(Sic)

Nos anos 1980 o jornal já tornara-se amplamente conhecido na cidade. Observam-se nas suas páginas notícias do cotidiano sobre as mulheres da classe media e também de mulheres da classe popular, no entanto os protagonismos dessas mulheres em determinadas sessões variam significativamente dependendo do lugar social que ocupam e a partir de matérias que indicam modos de se comportar na sociedade e no campo profissional.

A sistematização das notas publicadas sobre as mulheres, no período em que esta comunicação se inscreve, foi realizada a partir de um mapeamento inicial sobre todas as notícias encontradas que tratavam diretamente sobre as mulheres no jornal.

A reportagem “Migração justifica apoio especial para Mato Grosso” publicada no dia 29 de janeiro de 1980, noticia sobre o encontro das primeiras damas do Brasil em que aconteceu na capital de Mato Grosso, no qual a primeira dama mato-grossense pediu apoio ao Governo Federal, cujo presidente era João Batista de Oliveira de Figueiredo, com relação à “avalanche humana” que vinha adentrando ao estado de Mato Grosso. O encontro foi assim noticiado:

O estado de Mato Grosso procura demonstrar neste primeiro encontro de primeiras Damas do Brasil, a necessidade de um apoio especial ao Governo Federal ao trabalho de promoção social na região, primeiramente como forma de compensar a avalanche humana que vem adentrando seu território de 881 Km² - 10 por cento da superfície -, num refluxo de mão-de-obra muito sacrificada, que precisa de assistência até mesmo para recomposição psicológica. (A Tribuna, n.1023, 29/01/1980, Capa).

A primeira dama de Mato Grosso à época (D. Yone de Azevedo Campos) fez um discurso sobre sua preocupação com o contingente de pessoas que estavam adentrando ao estado e as dificuldades financeiras enfrentadas para dar suporte ideal a todas as essas pessoas que chegavam. O encontro tinha como objetivo pleitear recursos para o trabalho de promoção social na região no processo de que muitas pessoas chegando à região.

As entidades assistenciais de Cuiaba – cidade que é o portal da Amazônia pois serve de base para a penetração a amazônica – merecem maiores volumes de recursos para desenvolvimento de programações, diante da explosão demográfica que se verifica na região nos últimos cinco anos argumentava D. Yone de Azevedo

Campos, primeira dama de Mato Grosso e presidente da fundação social do estado. Também ordenem o mesmo ponto de vista a primeira dama da capital, Sra. Maria Auxiliadora de Jesus Silva Arruda, Sra. Elsa Gelis Addor – diretora de promoção social da fundação PRO-SOL e ainda as Sras. Jucyara Teixeira Gonçalves e Maria das Graças Pinto Alencar – que compõem a delegação Matogrossense que ora visita Fortaleza. (A Tribuna, n.1023, 29/01/ 1980, Capa).

À sombra dos presidentes, as primeiras-damas foram testemunhas dos bastidores das decisões que marcaram a política, a economia e a sociedade brasileira. O papel da primeira dama de mulher que cuida e é companheira do marido político e quase sempre o trabalho das primeiras damas está ligado à assistência social e saúde e que papel político da primeira dama está associado à assistência e entrelaçado ao governo exercido pelo marido.

A notícia publicada no dia 10 de fevereiro de 1980 no jornal “A Tribuna”, na coluna intitulada “As Românticas - As ninfas do miraglia”, na sessão “Aqui, Roo”, apresenta uma jovem com sonho de se tornar engenharia química e que esta no processo de escolarização:

Ana Maria Padilha, Filha do casal Jose Augusto Padilha, 16 aninhos em flor, é a ninfa “NumberOne” que a objetiva de Orestes Miraglia traz hoje para esta coluna. Aninha cursa o 2º ano de petroquímica, em Curitiba. Sua meta é ser engenheira química. Curtindo suas férias em Roo, aqui cintilou na residência do Dr. Miguel da Platec. Estrelaram recentemente – e com sucesso um bem bolado comercial para a televisão. (A Tribuna, 10/02/1980, Aqui - Roo, p. 3).

Nessa noticia em que se afirma que a jovem estuda e sonha em fazer “engenharia química” e, sempre que possível vem passar as férias na casa de seus pais. Na mesma página há outra informação referente à mais uma jovem: “Maria Helena Rodrigues é, sem favor, uma das cuquinhas mais bem informadas do pedaço. Dá gosto à gente trocar ideias com Leninha. O galã Paulo Vitor também concorda”. (A Tribuna, 10/02/1980, Aqui - Roo, p. 3)

Era comum na sessão “Aqui Roo” na coluna “As ninfas do Miraglia”, escrita por Oreste Miraglia de Carvalho⁶, hoje apresentador do programa radiofônico “Bom dia Cidade”, pela Rádio Amorim FM-104,9, a exaltação da jovialidade e dos estudos das

⁶ Orestes de Miraglia exerceu, várias atividades no jornalismo local, nos primeiros anos de fundação do Jornal A Tribuna, atuando ainda como locutor/apresentador de programas radiofônicos na Rádio Clube (AM), Radio Amorim Juventude AM, e atualmente atua na Amorim FM (104,9).

jovens casadoiras da sociedade rondonopolitana. As moças noticiadas na coluna “As ninfas de Miraglia” não são atrizes de novela, apesar de uma delas, a Aninha, ter feito um comercial. São sempre estudantes, que vem visitar a família nas férias. Na década de 1980 a escolarização das mulheres era considerada “enfim, trabalhar fora, investir na educação e no aprimoramento cultural, permitir-se usufruir o laser, o cuidar de si mesma, tudo isso agora e aceito...” mostra que as mulheres passaram a estudar e investir na carreira profissional em 1980.

No dia 13 de março de 1980 no Jornal “A Tribuna”, foi publicada a reportagem “Jovem vai à praia de “Topless”, mas leva uma surra do pai: AM”. O fato aconteceu na cidade de Manaus, na margem do Rio Negro, chama atenção para uma das polêmicas da década de 1980, ou seja, a exibição das mulheres em lugares públicos. Essa reportagem foi publicada no jornal, na parte de notícias nacional, a provável justificativa para publicação da notícia e para mostrar para as moças da cidade que o uso do topless seria uma má influência para as jovens da cidade.

A jovem saiu para se divertir com seus amigos na praia. Mas seu pai descobriu, através de uns amigos, que sua filha estava desfilando de “Topless”, por isso, o mesmo surrou a filha com um fio de ferro de passar roupa e a trancou no quarto. A reação do pai mostra a ideia de obediência da mulher ao pai. A manauara saiu de casa sem permissão do pai, quebrando a regra de obediência e conduta, tidas como características das boas moças.

Alguns comportamentos sociais, dos núcleos internos às famílias, tornam-se notícia na pagina policial. Na repressão à filha, o pai empregou ação de violência, como lemos na notícia publicada no Jornal A Tribuna:

Um homem de 60 anos surrou, com fio de ferro de passar roupa, a filha de 18 anos com castigo por ter ela passeado de “Topless” em uma praia do rio negro, na periferia da cidade. Além de apanhar, a jovem Maria Dulce Braganda Alves foi mantida presa em seu quarto por três dias, até que uma vizinha denunciou o fato a polícia. O homem, tripulante de um barco que transporta passageiros e carga pelo rio negro, soube através de amigos, que lhe mostrarem a foto da moça publicada em um jornal local. Segundo confessou na polícia, onde depois, o velho sentiu-se envergonhado e do local em que desembarcou seguiu em busca da filha para surrá-la ao chegar em casa o velho Ramiro Lins Alves a filha dormindo e se hesitar, surrou-a com fio e em seguida trancou-a no quarto, só permitindo que a moça fosse alimentada a pão e água diante do silêncio da família, que temia a iria

do homem. Uma vizinha da moça levou o caso a polícia. O inquérito sobre o fato foi instaurado ontem pelo 3º distrito policial que já ouviu Ramiro Lima Alves. (A Tribuna, 13/03/1980 p.3).

O primeiro topless no Brasil surgiu na praia de Ipanema no dia 12 de janeiro de 1972 em que um grupo de mulheres promove o “toplessaco” defendendo a liberdade do corpo feminino. Anos depois o topless foi abordado telenovela “Água Viva”, exibida pela Rede Globo em 1980. Na ficção, personagens como Stella, interpretada por Tônia Carrero, Bete, interpretada por Maria Padilha, eram hostilizadas por outros banhistas. Na vida real, algumas praticantes chegaram a levar banho de areia dos incomodados.

A notícia publicada no dia 12 de dezembro de 1980 com o título “Conforto e charme no Monte Líbano Palace Hotel” apresenta o ideal para mulher solteira que trabalha e estuda na sociedade rondonopolitana:

Jane é filha de ex - fazendeiros que deixaram São Jose do Rio Preto e vieram para Rondonópolis e aqui dedicaram-se ao ramo de lanchonete. Jane é irmã do conhecido Batatinha... Jane cursa o 3º ano de magistério (normal) do Colégio Sagrado Coração de Jesus⁹⁶, mas que se formar-se em Psicologia Clínica. E das 7 da manhã até ao anoitecer lá esta a eficiente Jane distribuindo gentilezas e atenções a todos os hospedes indistintamente. Jane é simples não usa maquiagem, seu belo semblante já é um quadro de Rembrandt, sem precisar de retoques. [...] Jane teve um caso de amor. E esse caso deixou nitidamente rastros no seu semblante. *ele era inspetor dos correios. Foi para São Paulo*... mas Jane que com seu charme, sua humildade e eficiência, logo terá outro eleito. E segundo os padrões dela, terá que ser moreno, médio porte, até uns 40 anos, realizado financeiramente e que tenha cultura, docilidade e generosidade. Jane merece até muito mais, afirmamos. Porque na análise deste relator, Jane não ser psicóloga e sim, relações públicas. Ela nasceu para essa atividade. (A Tribuna, 12/12/1980, Capa).

A notícia apresenta a vida de Jane e mostra que seus pais eram fazendeiros, que migraram para Rondonópolis, vieram da cidade de São Jose do Rio Preto, interior de São Paulo, e se dedicaram ao ramo de alimentos.

No dia 25 de novembro de 1980, a reportagem “O 9.o mandamento” apresenta uma conversa do frei Otaviano com redator do jornal, na qual o mesmo nomeia as mulheres “oportunistas e doutrinarias” (A Tribuna, n.1.208, 25/11/1980, Editorial). O frei afirma que:

Oportunistas e doutrinantes foram as palavras do frei Otaviano ao redator deste jornal, na ocasião em que este o entrevistou para obter dados para reportagem alusiva aos 40 anos de sacerdócio do santo

frade: as mulheres devem obedecer ao 9º Mandamento expressando-o de forma diferente: não cobiçar o marido alheio. Essas mulheres na quase totalidade, vem de origens humildes, são incultas, e usam seus dotes físicos de beleza e sexualidade para assim poderem aumentar suas rendas. Não raro assim procederam quando ainda eram virgens, mocinhas, que capitularam permissivamente as investidas de machões bem situados na vida. Poderiam ter mais personalidade, amor próprio e espírito firme de decisão e mandar os assediados machistas às favas, estudarem e trabalharem e se transformarem em dignas esposas de algum homem pobre, mas honrado, e terem chances de ambos subirem na vida em uma escalada comum, com o fruto do trabalho de ambos. Seria uma união profícua, que enalteceria cada vez mais a ambos e seus filhos se exaltariam quando, chegando à idade adulta tomassem conhecimento da luta e jornada dos seus pais... (A Tribuna, n.1.208, 25/11/1980, Editorial)

Segundo frei Otaviano⁷, as mulheres podem trabalhar e estudar, mas tem que se preocupar em casar com um homem de caráter e simples mesmo que não seja rico, mas que a trate bem para quando seus filhos crescerem eles sintam orgulho dos mesmos e possam se espelhar neles para serem pessoas de bom caráter.

O frei fala da mulher humilde e que as mesmas podem estudar e trabalhar, mas o casamento para ele é o centro da sociedade. Para frei Otaviano as mulheres devem conquistar seu espaço, e estudar para que tenham uma vida digno trabalhado honestamente e que sirvam de ótimas esposas e que as mulheres mandem esses machões às favas.

Segundo o frei, o homem desde os tempos bíblico e machista. Na continuação da entrevista o frei discute que:

“Casai-vos e multiplicai-vos”, diz o evangelho, “vou curtir aquele coroa e tomar a grana dele” dizem as concubinas deslumbradas, já com a maldade latente nas nefandas intenções. Mas as vítimas acabam sendo elas mesmas. Esses machistas, que envergonham a sociedade e não raro as suas famílias quando são descobertas as suas atividades extraconjugais, usam as concubinas como se usam as joias e bijuterias. Tem um dia certo para serem usadas e mostradas e um valor intrínseco dada a cada uma. Embora todas essas infelizes deslumbradas sirvam sexualmente de forma idêntica, elas tem retribuição diferente. Algumas são regamente pagas e assistidas por esses machistas, moram em apartamentos no centro, bem decorados e equipados, e

⁷Frei Otaviano foi primeiro pároco da Igreja Matriz e também das paróquias anexas de Itiquira e Jaciara, juntamente com freis Patrício, Saturnino e Raimundo Schurmann que o auxiliariam nessa missão. Seu primeiro trabalho foi a fundação da Ação Social Franciscana e a construção de uma residência paroquial. De 1959 a 1963 existiam na paróquia os grupos: Apostolado da Oração, Pia União das Filhas de Maria, Congregação Mariana, Cruzada Eucarística, e Legião de Maria.

recebem gordas mesadas. Outras mais infelizes, tem que se contentar com uma moradia paupérrima, ate sem luz elétrica, e quando solicitadas são conduzidas no carro para um lugar algures e ali praticarem o nefando ato sexual espúrio. Elas as vezes além do direito de morar em casa paupérrima, recebem alguns favores ou trocados.(A Tribuna, n.1.208, 25/11/1980, Editorial)

Na esteira das considerações do frei, verifica-se que a mulher é tratada como objeto que pertence ao homem. Em lugar disso, são enaltecidas suas características físicas, ao mesmo tempo em que lhe é negada qualquer visibilidade enquanto sujeito.

No final da noticia percebe que:

O homem desde os tempos bíblicos, sempre foi machista, polígamo. Embora muitos tenham profundo amor e veneração pelas esposas, não descartam a possibilidade de terem alguns momentos de prática sexual com outras mulheres, na base da aventura. Somente uma perfeita formação religiosa, dogmática, impede isso.

Se essas mulheres quisessem aproveitar o sábio conselho do frei Otaviano, estariam mudando a face de uma sociedade pobre, artificial e sem nenhuma estrutura moral. Apenas calçada nas finanças que poderão ser apenas transitórias.(A Tribuna, n. 1.208, 25/11/1980, Editorial)

No Jornal “A Tribuna” o tom notícia do cotidiano da sociedade rondonopolitcana, é de harmonia e de estabilidade. Entretanto, a entrevista com o Frei Otaviano nos permite perceber fissuras nesta representação de estabilidade do feminino.

Em 29 de agosto de 1.985 (Quinta-Feira) o jornal anuncia e notícia a visita da Secretária de educação, à época a professora Maria Juracy de Campos Braga, que participaria, junto com corpo de professores da rede estadual das escolas situadas na cidade de Rondonópolis, do II Encontro de Diretores e Supervisores das Escolas Estaduais da cidade, com o objetivo de debaterem sobre temas envolvendo a grade curricular. Na notícia que segue observa que:

Estará amanhã em Rondonópolis, a secretária Estadual de Educação, professora Maria Juracy de Campos Braga, que virá acompanhada do seu subsecretário prof. Dr. Rubens da Cruz Pereira e demais assessores.

No período matutino será enfocado pela gerente de assuntos administrativos prof^a. Cleuza Zonatto, tema referente a sua pasta e, no período vespertino a gerente de assuntos técnicos prof^a Maria Amélia B. L. da Silva falará sobre a grade curricular de I a II conforme a lei 7044/82 e o projeto preparação para o trabalho. (A Tribuna, 29/08/1985, nº 1865).

Na contraposição das falas nos parece que haveria outros temas mais pertinentes a serem tratados na cidade, a partir da vinda de representantes da Secretaria de Educação, como a própria estruturação de escolas sinalizada pelo ex-prefeito, contudo, tanto o jornal quanto a equipe do governo silenciam sobre essa pauta.

A Delegada de Ensino da cidade, prof.^a Maria Sthefanini, em conversa com a redação do jornal *A Tribuna*, afirmou a importância de realizar um evento desta natureza na cidade: “(...) o Encontro proporcionará a maior integração entre Diretores, Supervisores, Professores das Escolas Estaduais e conveniadas de sede e jurisdição e produtivo em Prol da Educação” (p. 02).

Maria Perpetua fala da importância da integração da secretaria com os professores, no entanto, ao que consta na notícia do jornal os professores não foram convidados a participarem do evento, somente os membros das equipes administrativas e pedagógicas. Por outro lado, ao considerar a vida da Secretaria de Educação como uma conquista do seu mandato à frente da Delegacia de ensino, Maria Perpetua legitima seu trabalho político administrativo como profissional preocupada com os rumos da educação rondonopolitana.

O jornal *A Tribuna* fazia semanalmente entrevistas com mulheres da cidade de Rondonópolis e cidades vizinhas, eram sempre mulheres que de certa maneira eram engajadas no cotidiano da cidade. No dia 14 de setembro de 1988 foi realizada uma entrevista com a Dra. Janete Brás de Oliveira “Nessa entrevista a imagem da mulher que trabalha é traduzida no relato da Dra. Janete, médica e dedicada esposa e mãe” (*A Tribuna, Quem&Quem, 14,15/09/1988, p.8*).

Foram realizadas perguntas sobre casamento, ciúmes, casais modernos, jovens, doenças, religião e a influência dos meios de comunicação e, por fim, sobre a situação do Brasil. A primeira pergunta da entrevista com a Dra. Janete indagou se “o casamento é instituição falida ou ainda é grande alicerce da sociedade?”” (*A Tribuna, Quem&Quem, 14,15/09/1988, p.8*) nas palavras da mesma “Não acho que seja uma instituição falida, desde que as pessoas que se propõem a casar-se, estejam conscientes do compromisso assumido.”” (*A Tribuna, Quem&Quem, 14, 15/09/1988,p.8*). Demonstrando sua concepção de que o casamento é compromisso na qual as pessoas

envolvidas estejam aptas a assumir, nas quais devem dedicar-se a construção da felicidade pelo casal.

Ao ser perguntada “o que é mais importante para a mulher: realização profissional ou sucesso como dona de casa?” (A Tribuna, Quem&Quem, 14,15/09/1988, p.8) a médica respondeu: “as duas coisas, pois nenhuma profissional estará feliz, completa se pelo lado família, ou seja a dona de casa, ela não consegue desempenhar com eficiência sua função.”(A Tribuna, Quem&Quem, 14,15/09/1988, p.8) mostrando que a mulher estará feliz conciliando o papel de mãe, esposa e dona de casa com uma atividade profissional.

Quando perguntada sobre “o que a felicidade tem haver com o amor e a afetividade entre os casais?.”(A Tribuna, Quem&Quem, 14,15/09/1988, p.8) Ela responde que “muito. Se existe amor, afetividade, compreensão, enfim, harmonia, os momentos felizes são mais frequentes e duradouros.”

E por fim, quando perguntada sobre a “religião: ópio do povo ou caminho da espiritualidade e perfeição humana?” (A Tribuna, Quem&Quem, 14,15/09/1988, p.8), responde: “acredito ser a religião o freio, o apoio para o indivíduo.” (A Tribuna, Quem&Quem, 14,15/09/1988, p.8) Discutindo que a religião era um suporte para o indivíduo e o meio de frear as suas fraquezas momentâneas.

Por meio da pesquisa e da escrita histórica é preciso historicizar e possível dar visibilidade as formas de se fazer mulher e de existir em Mato Grosso, contribuindo para contrapor ao senso comum de que a mulher no passado próximo da sociedade mato-grossense, região de fronteira, de disputas territoriais e étnicas, com forte presença agrícola e religiosa, assumiu, ocupações profissionais, não interferindo nas questões políticas e sociais.

Considerações finais

Observa-se nos textos dos jornais analisados até o momento, uma concepção de que houve avanço em relação aos espaços ocupados pelas mulheres tanto no Brasil como em Rondonópolis e mesmo que exista a ideia da mulher recatada, balisando uma ideia de núcleo familiar tradicional, tem avido um esforço da sociedade em romper com os papéis atribuídos as mulheres na sociedade rondonopolitana nos anos oitenta.

As fontes jornalísticas permitem pensar sobre os discursos e as representações sobre gênero feminino face às lutas e conquista de direito pelas mulheres em Mato Grosso, um espaço distante do epicentro da urbanização e da industrialização. Na medida em observamos as edições do período mapeado, podemos perceber diversas formas de abordagem do temário da pesquisa.

Entretanto, é válido destacar que a imprensa de Rondonópolis já publicava temas voltados para o universo feminino, dentre eles podemos destacar: matérias sobre modas; concursos de beleza, reportagens sobre mulheres ocupando cargos de destaque como desembargadora, advogada, escritora, atriz, musicistas, bailarinas

Referencias bibliográficas

ALVES, Laci Maria Araújo. *Migração, mulheres e educação em Rondonópolis nos anos 50*. Em Tempo de Histórias, n°. 6, 2002.

DAUPHIN, Cécile (ett ali). *História das Mulheres; cultura e poder das mulheres, ensaio de historiografia*. Annales/Paris, n° 2, mar-abr 1986. Trad. Raquel Soihet. Publicada na revista “Gênero”, Niterói, vol 2. N°1, 2001.

FILHO, José Felipe dos Santos. *Dinâmica territorial e mercado de trabalho em Rondonópolis/MT*. Três Lagoas-MS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Pro-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação, Campus de Três Lagoas, Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, 2011.

GOETTERT, Jones Dari. *O espaço e o vento: olhares da migração Gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou*. – Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.

LUCA, Tania Regina de. A historia dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2° Ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-153.

LUCA, Tania Regina de. Mulher em revista IN *Nova História das mulheres no Brasil / organizadoras Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro*. – São Paulo: Contexto, 2012.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Cidadania no Feminino. INPINSKY, Jayme, PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.), *Historia da Cidadania*. São Paulo, Ed. Contexto, 2003.

NASCIMENTO, Flávio Antonio da Silva. *Aceleração temporal na fronteira: um estudo do caso de Rondonópolis – MT*. Flavio Antonio da Silva Nascimento. Tese de Doutorado: USP - São Paulo, 1997.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros*. Michelle Perrot; Tradução Denise Bottman. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos flexíveis INPINSKY, Carla Bassanezi, PEDRO, Joana Maria (orgs.) *Nova história das mulheres no Brasil/ São Paulo : Contexto, 2012*.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: EDUNICAMP, 2013.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais* – Cuiaba: entrelinhas, 2002.

TESORO, Luci Lea Lopes Martins. *Rondonópolis-MT: um entroncamento de mão única – lembranças e experiências dos pioneiros* / Luci Léa Lopes Tesoro. – São Paulo, 1993.

TRUBILIANO, Carlos Alexandre Barros. *Imagens Femininas Nos Jornais Mato – Grossenses (1937-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2007.